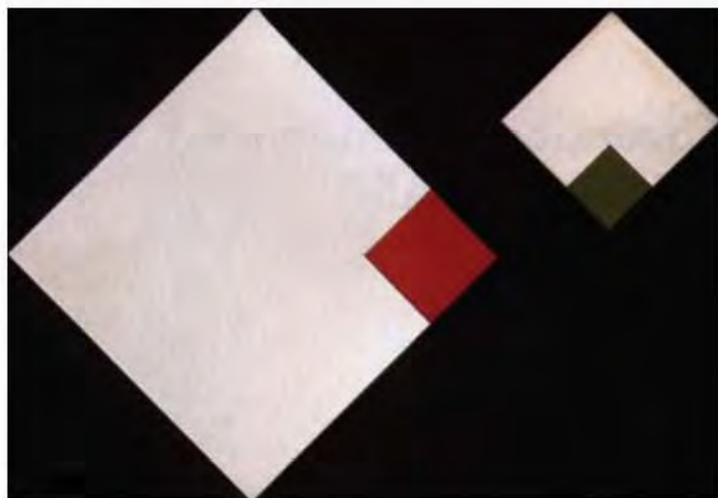


# GOMETRIA DE

Mostra em São Paulo  
traz o acervo do  
coleccionador Adolpho  
Leirner, representativo  
do que de melhor se  
realizou em arte  
geométrica no país  
Por Ferreira Gullar

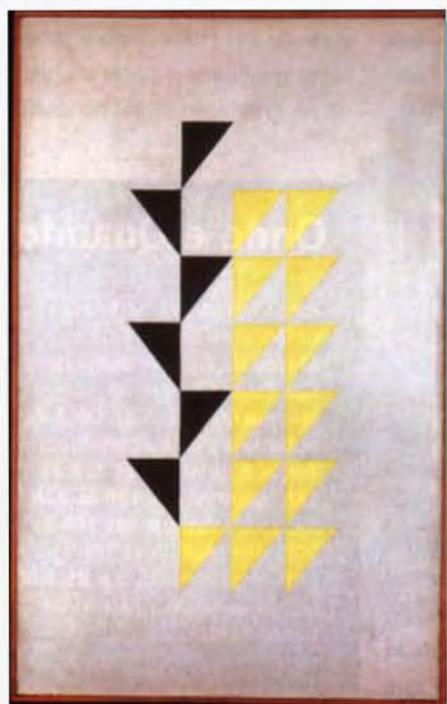
As duas coleções particulares mais conhecidas de arte brasileira — a de Gilberto Chateaubriand e a de Sérgio Fadel — diferem entre si por cobrirem épocas diversas, identificam-se no ecletismo das escolhas. Já a coleção de Adolpho Leirner caracteriza-se por uma opção clara pela arte geométrica. Por isso mesmo, como evidencia a presente exposição do Museu de Arte Moderna de São Paulo, tornou-se um acervo precioso — e talvez único — do que de melhor realizou, nesse terreno, a arte brasileira.

A exposição constitui-se de seis módulos, abrangendo desde a época das primeiras manifestações abstrato-geométricas, nos anos 30, até a década de 50 e começos da seguinte, quando a arte geométrica desempenha papel de vanguarda no Brasil. Essa visão de conjunto da coleção mostra-nos que Adolpho Leirner não é um colecionador compulsivo, mas exigente. Percebe-se que, se não se deixa levar pelo afã de adquirir o máximo de obras da tendência que elegeu, preocupa-se no entanto em que todos os artistas dessa tendência estejam ali representados. Isso naturalmente determina a diferença de nível entre as obras, que nem sempre apresentam a mesma qualidade; mas, em compensação, oferece elementos para a compreensão e aferição desse período importante da arte brasi-



À esquerda, *Concreto*, de 1958, obra de Geraldo de Barros. Na página ao lado, o *Concreto* de Volpi, também dos anos 50, e o *Relevo Espacial*, pintura sobre madeira recortada de Hélio Oiticica, de 1960, exemplo da ruptura com o suporte tradicional da pintura

# UMA COLEÇÃO



leira do século 20. Deve-se assinalar também, neste particular, a presença de obras que se tornaram marcos na história da arte geométrica no Brasil ou no desenvolvimento estilístico deste ou daquele artista. Por essa razão, essa coleção torna-se campo de estudo, fonte de referência para os críticos e historiadores da arte.

O primeiro dos seis módulos da exposição mostra-nos trabalhos de John Graz, que participou da Semana de Arte Moderna de 22 e que, mais tarde, produziu mais frequentemente obras de mobiliário e decoração, bem como de sua esposa, Regina Gomide Graz, irmã de Antônio Gomide, artista da geração modernista. De Regina e Antônio Gomide, como de John Graz, ali encontramos tapetes, luminárias, mesas e vasos, bem representativos do gosto moderno daquela época.

O início das experiências abstratas, em São Paulo, dá-se no Atelier Samson Flexor, que explora, de modo heterodoxo, as possibilidades da linguagem geométrica e cujas obras constituem o segundo módulo da mostra. É, porém, no terceiro e no quarto módulo que encontramos os núcleos principais da arte geométrica, representada inicialmente, em São Paulo, pelo grupo Ruptura e, no Rio, pelo Grupo Frente, que deram origem, numa e



**Acima, *Abstrato Geométrico nº 2.2*, 1954, serigrafia de Samson Flexor. Foi no atelier do artista que tiveram início as experiências abstratas em São Paulo, explorando de modo heterodoxo as possibilidades da linguagem geométrica. Abaixo, *Bicho (Máquina)*, de Lygia Clark, obra de 1962. A artista se somou aos integrantes do Grupo Frente, entre eles Ivan Serpa e Aloisio Carvão, que no Rio deu origem aos movimentos concreto e neoconcreto e faz parte do núcleo principal da arte geométrica**

noutra cidade, aos movimentos concreto e neoconcreto. São representativas dessas tendências as obras dos paulistas Mauricio Nogueira Lima, Sacilotto, Fiaminghi e Waldemar Cordeiro, bem como as de Willys de Castro e Barsotti, estes mais ligados aos neoconcretos do Rio.

Igualmente representativas são as obras dos integrantes do Grupo Frente, a saber Ivan Serpa, Aloisio Carvão, Rubem Ludolf e Décio Vieira. A eles se somariam, depois, Hélio Oiticica, Lígia Pape, Lygia Clark, bem como os escultores Franz Weissmann e Amílcar de Castro, integrante do futuro movimento neoconcreto. De Lygia Clark, destaca-se a *Superfície Modulada*, de 1957, obra-limite da experiência que a levaria aos "casulos" e em seguida aos "bichos". Destes últimos, tem a coleção dois exemplares (*Bicho*, 1962, e *Desfolhado*, 1961) particularmente expressivos. Hélio Oiticica aparece com duas obras da fase inicial (*Metaesquema 12*, 1957, e *Vermelho Cortando o Branco*, 1958) e um significativo *Relevo Espacial*, de 1960, exemplo da ruptura com suporte tradicional da pintura, que o levaria à exploração dos "labirintos" e "ambientes". Merece referência, ainda, o *Objeto Cinético* (1964), de Abraham Palatnick, exemplar de aparelho cinemático, cuja invenção data do começo dos anos 50, obra bem representativa do espírito inquieto e inovador daquela época.

Para o público que visite essa mostra, o quinto módulo talvez seja o mais gratificante. Nele se encontram obras de artistas que exploraram a linguagem geométrica sem, no entanto, se enquadrarem em nenhuma das tendências dominantes. Deve-se destacar, entre eles, o quadro de Milton Dacosta intitulado *Em Vermelho*, de 1958, com que

Adolpho Leirner iniciou sua coleção e que é uma obra de alta qualidade, de uma das melhores fases do pintor. Exemplo de apuro técnico e sensibilidade poética é a tela *Os Episódios II* (1959), de Maria Leontina. Alfredo Volpi está representado com três quadros, todos dos anos 50, belos exemplos de seu diálogo inventivo com o espaço e a cor. Os dois trabalhos de Mira Schendel — um de 1954 e outro de 1962 — mostram o caminho que percorreu, de uma geometria indefinida a outra, mais rígida, que a conduzirá à desconstrução do quadro. Há, ainda, uma tela de Ione Saldanha — da fase das "construções" delicadas e musicais — e um quadro de Rubem Valentim, de 1960, austero e misterioso. Di Preti e Arthur Luiz Piza estão presentes com relevos pintados, e Almir Mavignier, com uma tela de 1965, quando já se inserira no espírito maxbilliano do grupo de Ulm.

Resta mencionar, para concluir, o módulo 6, que compreende os trabalhos de programação visual, de Antonio Maluf e Geraldo de Barros: do primeiro, o cartaz para a 1ª Bienal de São Paulo; e do segundo, o cartaz para o 4º Centenário da Cidade de São Paulo, ambos de excelente qualidade e parte da história da programação visual no Brasil. ■



## Onde e Quando

Arte Construtiva Brasileira –  
Coleção Adolpho Leirner  
Museu de Arte Moderna de  
São Paulo (Parque do  
Ibirapuera, portão 3). De 2 de  
outubro a 20 de dezembro.  
Terças e quartas: das 12h às  
18h; quintas: das 12h às 22h;  
sextas e sábados: das 10h às  
20h; domingos: das 10h às  
18h. Ingressos: R\$ 5 e R\$ 2,50  
(grátis às terças). Patrocínio:  
Banco Santos

À esquerda, *Em Vermelho*, de 1958, obra de Milton Dacosta, primeira peça da coleção de Adolpho Leirner, representativa de uma das melhores fases do artista, que explorou a linguagem geométrica sem, no entanto, se enquadrar em nenhuma das tendências dominantes. Abaixo, *Concreção 5942*, de Luís Sacilotto, escultura em alumínio pintado, de 1959, uma das 120 obras da coleção que pela primeira vez é exibida completa

